

Belo Horizonte oitocentista e a visibilidade dos acervos mineiros

Belo Horizonte, fundada em 1887, possui, dentre outros, três museus com acervos que acompanham essa história, o Museu Mineiro e o Museu Histórico Abílio Barreto que possuem obras que datam desde a fundação da cidade, e mesmo de períodos anteriores. E também o Museu de Arte da Pampulha e o próprio Museu Mineiro que contam, especialmente, com obras que abrangem o século XX, passando pelo moderno e contemporâneo da arte produzida em Minas, e de outros estados, mas que aqui formaram coleções.

Esse texto visa à reflexão sobre o período de início da história da arte em Belo Horizonte, o século XIX, e tem como pressuposto, o estudo realizado a partir da própria obra de arte considerada em sua materialidade e visualidade. O objeto, a matéria em si é primordial no processo de sua análise, e estudo da história da arte, e Jorge Coli (2005) especifica ainda o tratamento a ser dado às obras do período com o qual se quer pensar aqui.

Ora, entender de verdade as artes é saber vê-las na sua complexidade concreta. Isto, para o século XIX, surge como definitivamente essencial. Tentei mostrar como estamos num processo internacional de revisão desse período, carregado de preconceitos. Para desenvolvermos os estudos que busquem dar a esse universo artístico sua plena significação, não há dúvida, é preciso partir da obra. (COLI, 2005, p.21)

Portanto é necessário começar pelas fontes, já que é imprescindível a presença física das obras, nesse caso, aquelas pertencentes às seguintes instituições mineiras: Museu Histórico Abílio Barreto, Museu de Arte da Pampulha e Museu Mineiro. Os acervos citados, apesar de sua relevância, ainda não foram estudados nem no que se refere ao levantamento básico das obras que poderiam compor um inventário, como também pela definição do “valor artístico” ou “valor histórico” das obras que os compõem.

A historiografia oficial da arte brasileira foi construída a partir da oposição entre “acadêmicos” e “modernos”. A rivalidade acabou por construir uma imagem de “conservadorismo” dos primeiros e o avanço do segundo que teria seu marco inicial com a Semana de Arte Moderna de 1922. Os acadêmicos estavam associados, segundo tal concepção, aos ensinamentos da Escola Nacional de Belas Artes.

A introdução da tese de Camilla Dazzi nos apresenta um cenário dentro da historiografia da arte brasileira e mundial de revisão do que teria sido a história da arte do século XIX. Esse movimento começou a acontecer já nas décadas de 1960 e 1970 de modo tímido, e em torno da década de 1980 de uma maneira mais sólida. A essa época houve uma redescoberta do século XIX, admitindo-se que até então a história havia sido contada pelo ponto de vista modernista, com olhar preconceituoso e reducionista sobre os artistas e a produção do XIX. Havendo, portanto, a necessidade da realização de novos estudos para verificação do que realmente aconteceu no século XIX.

Sob o ponto de vista da historiografia brasileira as Minas Gerais ficaram marcadamente reconhecidas pelo Barroco e pelo Rococó, haja visto a grande concentração de pesquisadores nesse período. Como consequência os artistas do século XIX ficaram praticamente desconhecidos. O número de obras existentes nos acervos de Belo Horizonte não condiz com as análises até então realizadas. As obras encontram-se em total esquecimento do ponto de vista de análise e do levantamento histórico, bem como o acesso ao público, visto que não estão em constante exposição.

Neste sentido, é impossível realizar uma avaliação desse conjunto, que tem sido relegado ao segundo plano. A tarefa do pesquisador assume dessa forma uma dimensão múltipla que se refere à identificação das obras, o levantamento e conferência das fichas técnicas (quando não é necessário elaborá-las), análise estilística e formal além da discussão da inserção desse conjunto tanto na ideia de coleção como também dentro na narrativa da história da arte. O desafio do Grupo de Pesquisa *Memórias das Artes Visuais em Belo Horizonte* (MAV-BH¹) tem sido levantar, cadastrar e analisar obras pertencentes a essas coleções assim como levantar a trajetória desses artistas.

¹ MAV – Grupo de pesquisa *Memória das Artes Visuais dos Acervos de Belo Horizonte*. O Grupo de Pesquisa Memória das Artes Visuais dos Acervos Mineiros do Departamento de Artes Plásticas da EBA-UFGM tem como base a discussão das teorias e métodos da História da Arte assim como a análise de obras artísticas pertencentes aos acervos mineiros: Museu Histórico Abílio Barreto, Museu Mineiro e Museu de Arte da Pampulha comparativamente a outros acervos brasileiros e internacionais. A pesquisa contempla o estudo de obras individuais do ponto de vista da História da Arte assim como a reconstituição do cenário artístico pelo levantamento de críticas de jornal, salões e exposições de arte. Pode ser visualizado no em <http://lattes.cnpq.br/web/dgp>

Em Belo Horizonte, a história se coloca assim: a capital mineira até então era Ouro Preto, que era politicamente, muito ligada ao regime imperial, num contexto que vinha já da era colonial. Com a chegada da República em 1889, um dos princípios da ideologia republicana era o abandono do antigo passado colonial representado por Ouro Preto e a busca de um novo espaço que representasse os novos ideais. Para tanto, uma Comissão² foi organizada para definir a localização da nova capital, e o local escolhido foi o antigo Arraial do Curral Del Rei, onde ora se localiza a cidade de Belo Horizonte.

Em 1887 a capital é transferida para o novo sítio, nesse contexto a história da arte de Belo Horizonte pode ser localizada até mesmo no momento da transição da capital. Já nessa época muitos artistas trabalhavam e produziam na antiga cidade de Ouro Preto, e a produção artística mineira desse período começa, então, mesmo antes da chegada a Belo Horizonte.

Os primeiros artistas que chegaram a Belo Horizonte foram convidados pela Comissão Construtora³ para participarem da fundação da nova capital de Minas Gerais, outros vieram depois, da velha cidade de Ouro Preto, ou mesmo de fora do Estado, a maioria desses haviam sido alunos da Escola Nacional de Belas Artes. Dentre alguns dos artistas da época temos Aníbal Mattos, Honório Esteves, Alberto Delpino e Belmiro de Almeida, todos vindos da ENBA; Jose Jacinto das Neves vindo de Ouro Preto e Francisco de Paula Rocha de Sabará; também Émile Rouède, francês, vindo do Rio de Janeiro, e Frederico Steckel, alemão, que aqui chegam em 1894 e 1896; entre outros.

As obras desse período, desses artistas do *oitocentos*, os inaugurais, fazem parte hoje do acervo do MMI e também do MHAB. Dos artistas citados acima, Aníbal Mattos tem um papel muito importante como promotor da arte na nova capital. Ele chega a Belo Horizonte, vindo do Rio de Janeiro, egresso da Escola Nacional de Belas Artes, em 1917. Aqui ele realizou seguidamente 15 Exposições Gerais de Belas Artes sem o apoio governamental (VIVAS, 2011.), funda a Sociedade Mineira de Belas Artes, atuou como teatrólogo, participou da fundação da Escola de

² Comissão de Estudos das Localidades liderada em 1853 por Aarão Reis deveria escolher aquela localidade onde se instalaria a nova capital do Estado.

³ Comissão Construtora instaurada logo na sequência da escolha do local, e liderada também por Aarão Reis até 1895, depois substituído por Francisco Bicalho.

Arquitetura e Belas Artes da Universidade de Minas Gerais, patrocinou a exposição de Zina Aita em 1920, entre varias outras coisas. Sua atuação principal perdura até 1936, por ocasião do Salão Bar Brasil que marca o início do que se chamou de arte moderna na capital mineira.

Encontramos sobre Aníbal Mattos dois bons estudos já feitos por Rodrigo Vivas, o primeiro em seu livro *Por uma história da arte em Belo Horizonte: artistas, exposições e salões de arte*, em que ele faz uma apresentação dos pintores inaugurais, sobretudo Aníbal Mattos, tentando dar visibilidade a sua obra e atuação no circuito artístico de Belo Horizonte, de um modo mais detalhado. E o segundo pode ser encontrado no artigo da revista 19&20, disponível em: http://www.dezenovevinte.net/artistas/rv_am.htm, no qual os trabalhos do artista são colocados de forma parecida, mas de modo mais simplificado.

Outro bom estudo ainda poderia ser feito a partir do levantamento, catalogação e análise estilística e formal das obras de Aníbal contidas em nossos museus, aliando esse trabalho de coleta das obras com uma pesquisa em jornais e revistas da época junto ao Arquivo Publico, para localizar o campo artístico e a cidade de Belo Horizonte no contexto da história da arte e dentro das coleções em questão. Enriquecendo dessa forma a visualização da história da arte em Belo Horizonte no inicio de sua formação.

ALMEIDA, Marcelina das Graças. Belo Horizonte, arraial e metrópole: Memória das artes plásticas na capital mineira. In: RIBEIRO, Marília Andrés e SILVA, Fernando Pedro da. (Org.). **Um Século de História das Artes Plásticas em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: C/Arte: Fundação João Pinheiro/Coleção Centenário, 1997.

COLI, Jorge. **Como estudar a arte brasileira no século XIX?** São Paulo: Editora SENAC, 2005.

DAZZI, Camilla Carneiro. **“Pôr em prática a reforma da antiga Academia”: a concepção e a implementação da reforma que instituiu a Escola Nacional de Belas Artes em 1890**. Rio de Janeiro: UFRJ/EBA, 2011. Tese de Doutorado.

PEDROSA, Mário; ARANTES, Otília (org). **Acadêmicos e modernos: textos escolhidos III**. São Paulo: Edusp, 2004.

VALLE, Arthur Gomes. **A pintura da Escola Nacional de Belas Artes na 1 República (1890-1930): da formação do artista aos seus Modos estilísticos**. Rio de Janeiro: UFRJ/EBA, 2007. Tese de Doutorado.

VIVAS, Rodrigo. **Por uma história da arte em Belo Horizonte: artistas, exposições e salões de arte**. Belo Horizonte: C/Arte, 2012.

VIVAS, Rodrigo e MAV-BH. **Uma introdução aos métodos da História da Arte**. Belo Horizonte, 2014.

VIVAS, Rodrigo. **Aníbal Mattos e as Exposições Gerais de Belas Artes em Belo Horizonte**. 19&20, Rio de Janeiro, v. VI, n. 3, jul./set. 2011.

VIEIRA, Ivone Luiza. **O modernismo em Minas: O Salão do Bar Brasil**. Catálogo da Exposição. Museu de Arte de Belo Horizonte e Casa do Baile, Pampulha; Museu de Arte Contemporânea da USP e Paço Imperial, Rio de Janeiro, 1986.